

Editorial

A VEZ DA
VENEZUELA

Durante 16 anos, a esquerda colheu sucessivos triunfos na América Latina. Nos últimos 15 dias, esse quadro começou a ser modificado. Primeiro, a oposição ganhou as eleições presidenciais na Argentina. Domingo último, a oposição faturou as eleições parlamentares na Venezuela.

Nos dois casos, foi quase um plebiscito. A população, cansada, manifestou seu desejo de mudança, repudiando o discurso de uma fantasiosa luta de classes que só contribuiu para dividir o país. Em seu radicalismo, o governo venezuelano chegou a prender seus opositores.

Inicialmente, o chavismo teve sucesso, na medida em que lançou programas sociais de resgate da parcela da população mais afetada pela pobreza. Para se sustentar eleitoralmente, esse populismo buscou um bode expiatório na burguesia nacional e no capital estrangeiro.

Todos os males do país foram atribuídos a esses atores. Não poderia dar outra: a economia entrou em crise, e com ela a sociedade. Durante os últimos anos, os venezuelanos tiveram de fazer fila até para comprar papel higiênico. E a criminalidade atingiu índices alarmantes.

Passada a bonança, o governo não deu conta de, como escreveu um observador in loco, manter as antigas benesses nem entregar novas. Os lares pobres do país saltaram de 48% em 2014 para 73% em 2015. O governo se condenou também pela incompetência de gestão.

No domingo, os venezuelanos fizeram fila novamente para exercer o direito de manifestar sua vontade. Não há outra forma de enfrentar a crise econômica a não ser pela pacificação do país, com a reconciliação de todos os cidadãos por meio de um pacto nacional.

Como o chavismo reagirá a esse recado das urnas? Será que ele terá a sabedoria necessária para fazer essa transição pedida pelo país? O resultado das eleições, dando maioria à oposição, é incontestável. O reconhecimento internacional veio imediatamente.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

SE VOCÊ NÃO GOSTAR
DO PRESENTE OU ACHAR
QUE NÃO SERVE, VOCÊ
PODE IR À LOJA E PEDIR
O IMPEACHMENT, TÁ?



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Sinto falta de uma 'mesa de
comer' para discutir política

A vida segue, e nos cabe defender a democracia

Há gente declamando Marina Colasanti: "Eu sei que a gente se acostuma, mas não devia. A gente se acostuma para poupar a vida, que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma" ("Eu Sei, Mas Não Devia", 1972).

E também "O Bicho", de Manuel Bandeira: "Vi ontem um bicho/ Na imundície do pátio/ Catando comida entre os detritos./ Quando achava alguma coisa,/ Não examinava nem cheirava: Engolia com voracidade/ O bicho não era um cão./ Não era um gato./ Não era um rato./ O bicho, meu Deus, era um homem". Retrato do tempo FHC.

E a gente jogando conversa fora na "mesa de comer". Há uma saladinha verde salpicada de tomate vermelho picadinho – bem frugal –, que acompanha uma carne judia, e um vinho tinto chileno resfriado... As crianças comendo vorazmente, pois querem ver desenho na TV... Parece que foi ontem, mas não há mais crianças!

E alguém relembra: "Mentem. Mentem e calam. Mas suas frases/ falam. E desfilam de tal modo nuas/ que mesmo um cego pode ver/ a verdade em trapos pelas ruas" ("A Implosão da Mentira", de Affonso Romano de Sant'Anna).

Assuntos complexos e difíceis adquirem um tom mais ameno e são mais digeríveis na mesa de comer. E relembramos que escrevi: "Como em 2005, em 2015 foi a política que saiu perdendo, com o agravante de que, se Severino era um misógino 'católico roxo', Eduardo Cunha é fundamentalista roxo, orgânico e militante, o que faz toda a diferença, vide o sistema 'jagunço' de fazer política, um sistema de poder que ele implementa com ares e desenvoltura de presidente do Brasil.

"Se Severino Cavalcanti tinha aquele olhar de paspalhão, o de Cunha é puro Hermógenes, um chefe jagunço de 'Grande Sertão: Veredas', de Guimarães Rosa, que nem sequer respeitava as normas/ leis da jagunçagem, como disse Riobaldo Tatarana: 'O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado'" ("Uma república democrática e laica sob o 'sistema jagunço'", **O TEMPO**, 17.2.2015).

Reafirmo: "Sim, 'Hermógenes é fel dormido'. Até porque Hermógenes não

"O que vivenciamos de janeiro até agora encerra muitas lições para quem quer aprender. Uma delas é que a luta de classes está viva"

precisa 'impor-se mau', pois ele assim o é por si mesmo (e por resultado do pacto que fez). Hermógenes aparece-nos como a excrescência do ambiente do sertão, pois estão nele concentradas, justamente, todas as características que aparecem, por vezes isoladamente, em cada homem da jagunçagem". ("Sobreviver ao jagunçismo exige arte e muita manha", **O TEMPO**, 21.7.2015).

Volto a repetir: "O que vivenciamos de janeiro até agora encerra muitas lições para quem quer aprender. Uma delas é que a luta de classes está viva, se move para manter o status quo de exploração/opressões e pode se apresentar em qualquer de suas múltiplas faces. É essencial que saiba-

mos reconhecê-la" ("É um alento respirar democracia e derrotar o jagunçismo", (1.9.2015).

E "o fel dormido" encenou uma presepada, embora renomados juristas digam à exaustão que não há crime que justifique tão insano desejo! Faço meu o dito por Fernando Moraes em "O dia da infâmia": "No crepúsculo desse 2 de dezembro, um patético descendente dos golpistas de 64 deu início ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. A natureza do golpe é a mesma, embora os interesses, no caso os do deputado Eduardo Cunha, sejam ainda mais torpes. (...) E veremos quem se alia ao oportunismo, ao gangsterismo, ao vale-tudo pelo poder. Não tenho dúvidas: a presidente Dilma sairá maior dessa guerra, mais uma entre tantas que enfrentou, sem jamais ter se ajoelhado diante de seus algozes ("FSP", 6.12.2015).

A vida segue, e nos cabe defender a democracia.

DUKE

